

ECO DAS ALMAS



Eco das Almas

Letícia Cristina de Souza

Publicação Independente, 1a. ed., Limeira, São Paulo, Brasil, 2025.

© 2025 Letícia Cristina de Souza

Supervisão e edição: Prof. Dr. André Franceschi de Angelis
Faculdade de Tecnologia
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Nota sobre Autoria e Inteligência Artificial

Este livro é o resultado de um projeto de pesquisa de iniciação científica para Ensino Médio que explora o uso de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) como uma ferramenta no processo de escrita criativa. O objetivo principal do projeto foi investigar como esses sistemas avançados de IA poderiam auxiliar autores humanos na geração e no aprimoramento de textos.

Como parte de nossa investigação acadêmica, utilizamos diligentemente ferramentas de detecção de plágio e fizemos o nosso melhor para respeitar os direitos de propriedade intelectual existentes. No entanto, uma parte do conteúdo foi gerada com o auxílio de LLMs. É importante reconhecer que os dados usados para treinar esses modelos são vastos e, em muitos casos, não são totalmente divulgados. Portanto, não podemos fornecer uma garantia absoluta de que nenhuma parte do texto gerado infrinja, sem nosso conhecimento, a propriedade intelectual de terceiros.

Este livro deve ser visto não apenas como uma obra criativa, mas também como uma documentação desse processo de pesquisa. É um produto tanto da criatividade humana quanto da colaboração tecnológica, refletindo a natureza complexa e em evolução da autoria na era da inteligência artificial.

A Note on Authorship and Artificial Intelligence

This book is the result of an undergraduate research project directed to High School students exploring the use of Large Language Models (LLMs) as a tool in the creative writing process. The project's primary goal was to investigate how these advanced AI systems could assist human authors in generating and refining text.

As a part of our academic investigation, we have diligently used plagiarism detection tools and made our best efforts to respect existing intellectual property rights. However, a portion of the content was generated with the assistance of LLMs. It is important to acknowledge that the data used to train these models is vast and, in many cases, not fully disclosed. Therefore, we cannot provide an absolute guarantee that no part of the generated text unknowingly infringes upon the intellectual property of others.

This book should be viewed not only as a creative work but also as a documentation of this research process. It is a product of both human creativity and technological collaboration, reflecting the complex and evolving nature of authorship in the age of artificial intelligence.

CAPÍTULO 1

Frederik já ouvira sussurros sobre a floresta, histórias contadas em tons baixos por aqueles que preferiam esquecê-la. Mas foi apenas por fotos que viu pela primeira vez o lago e o terreno — imagens estáticas, belas, quase serenas. Havia algo de hipnótico na paisagem: a névoa delicada sobre a água parada, as árvores antigas se curvando em reverência ao silêncio, o isolamento absoluto. Parecia perfeito. Um refúgio. Um palco ideal para sua visão — um hotel grandioso, intocável, sagrado. Frederik se apaixonou à distância.

Mas quando enfim pôs os pés naquele solo esquecido, tudo mudou.

Nada poderia prepará-lo para o impacto da realidade. Assim que adentrou a borda da mata, foi como atravessar um limiar invisível: o mundo se contraiu. A beleza das fotos se revelou uma mentira incompleta, uma moldura que escondia a podridão do quadro. O silêncio era absoluto. Não o tipo de silêncio sereno, mas uma ausência antinatural de vida. Nenhum canto de pássaros, nenhum zumbido de insetos. A floresta estava muda, estagnada, como se segurasse a respiração.

Cada passo de Frederik ecoava como um estrondo no manto espesso de musgo e podridão. O ar, pesado e viscoso, grudava na pele como suor frio. Ele tentou racionalizar, disse a si mesmo que era só o peso das expectativas, a tensão de um sonho ambicioso. Mas algo dentro dele — algo ancestral e irracional — já compreendia o erro. Havia cruzado uma fronteira. O lugar o rejeitava.

Ao fundo, o lago emergia das sombras como um olho imóvel, uma mancha de trevas líquidas. Sobre sua superfície, um lampejo tênue brilhou — rápido, traiçoeiro. Frederik desviou o olhar antes que pudesse compreender o que era, com a sensação urgente de que havia presenciado algo que jamais deveria ter sido visto.

E mesmo assim, continuou. A imagem do projeto do hotel — colossal, triunfante, desafiando o isolamento — o arrastava para frente com uma força que não era apenas sua. Sua ambição queimava, transformando medo em cinza. Ordenou o início das escavações. Os trabalhadores, relutantes, erguiam pás e picaretas com olhos vazios, como sonâmbulos. A floresta parecia se encolher a cada golpe, como um animal acuado prestes a reagir.

Sussurros começaram. Histórias. Lamentos. Frederik os ignorava. Sombras se moviam entre as árvores, longas e

distorcidas, observando sem som. Espíritos, diziam os supersticiosos. Reflexos, insistia sua razão. Mas mesmo sua razão começava a fraquejar — o ar se tornava mais denso, mais pútrido, carregado de algo que parecia respirar junto com eles.

E então, os ossos.

Não de animais. Ossadas humanas, enterradas com pressa ou com propósito. Algumas dispostas em padrões que lembravam rituais. Outras simplesmente empilhadas, como se quisessem enterrar o próprio horror. Os operários recuaram, olhos arregalados, rostos sem cor. Mas Frederik, endurecido por algo além da lógica, os afastou com frieza. “Continuem”, ordenou, como um profeta que se recusa a ouvir o apocalipse.

A escavação prosseguia, e com ela vinham símbolos. Runas impossíveis, esculpidas em pedras úmidas e negras. Não eram artefatos de culturas conhecidas — eram delírios cravados em rocha. Ninguém conseguia olhar para eles por muito tempo sem sentir uma vertigem, como se o mundo ao redor começasse a ruir, como se os próprios olhos quisessem esquecer o que viam.

A terra gemia. As árvores tremiam sem vento. A realidade parecia mais frágil a cada metro de profundidade. Mas

Frederik prosseguia, movido por algo que ele já não reconhecia como ambição. Era fome. Era devoção.

E então, o hotel se ergueu. Como uma criatura ancestral que despertara após séculos de silêncio. Com seus três andares monolíticos, parecia menos uma construção e mais um monumento — um memorial erguido não para os vivos, mas para algo além da compreensão humana. As paredes externas, de pedra escura e irregular, lembravam o dorso de um animal petrificado, algo que nascera da própria floresta e agora a traía com sua existência artificial. Não havia linhas suaves e acolhedoras; tudo no edifício era anguloso, pontiagudo, como se feito para ferir o olhar.

As janelas, altas e estreitas, exibiam um estilo gótico exacerbado — arcos ogivais que se projetavam como lanças negras contra o céu sempre nublado. Seus vidros eram espessos, tingidos por um tom cinzento-esverdeado que distorcia a luz e tornava difícil saber se era dia ou noite do lado de fora. À noite, quando raras luzes se acendiam no interior, o brilho filtrado pelas janelas fazia parecer que algo respirava ali dentro, algo que se movia devagar, com propósito.

A entrada principal era um pórtico em arco, sustentado por colunas retorcidas que lembravam troncos enforcados,

cobertas de musgos úmidos. Acima da porta, esculpida diretamente na pedra, havia uma figura indefinida — uma criatura sem rosto, de membros longos e contorcidos, cujos olhos haviam sido raspados pela passagem do tempo... ou talvez por mãos humanas que tentaram esquecê-la.

Ao cruzar a porta, o saguão principal abria-se como o interior de uma catedral profana.

O teto, altíssimo, parecia dissolver-se na escuridão. Candelabros de ferro pendiam como armadilhas, com velas que, mesmo acesas, mal conseguiam vencer a escuridão total. As paredes eram cobertas por painéis de madeira enegrecida, ornamentados com entalhes quase imperceptíveis — símbolos curvos, espirais interrompidas, padrões que não pertenciam a nenhuma linguagem conhecida.

O piso era feito de pedra fria, com grandes losangos escuros intercalados por filetes de cobre envelhecido que, curiosamente, parecia conduzir calor ao toque — como se o chão tivesse sangue. Os tapetes que cobriam algumas partes eram de um vermelho profundo, mais próximo da cor de carne exposta do que de tecido, e pareciam absorver o som dos passos, tornando cada movimento inquietantemente silencioso.

À esquerda do saguão, uma escadaria se curvava como uma espinha dorsal — os degraus, levemente irregulares, rangiam com um som úmido, como madeira apodrecida que ainda assim se recusava a ceder. As paredes da escada estavam decoradas com retratos antigos de pessoas desconhecidas, seus rostos parcialmente apagados pelo tempo ou por algo mais intencional. Em alguns quadros, os olhos pareciam ter sido riscados. Em outros, o fundo parecia se mover.

Os corredores dos andares superiores eram longos e estreitos, como veias em um corpo enfermo. As portas dos quartos — todas idênticas — eram feitas de madeira escura, reforçadas com pregos antigos, sem numeração visível. Em cada uma tinha um olho mágico, bem típico de hotéis, mas que só permitia ver sombras indistintas do que havia além.

Os quartos eram amplos, porém opressivos. Teto alto, paredes escuras, móveis pesados de madeira negra que pareciam ter sido retirados de alguma igreja abandonada. As camas tinham cabeceiras talhadas com figuras que se assemelhavam a anjos, mas anjos com asas retorcidas e bocas abertas em gritos silenciosos. Cortinas pesadas, quase impossíveis de mover, selavam as janelas. E em todos os quartos, sem exceção, havia espelhos antigos — manchados, trincados, e, às vezes, parecendo refletir algo que não estava na sala.

O segundo andar abrigava a biblioteca — um salão comprido, repleto de estantes que se erguiam até o teto. Os livros, todos em couro escuro, não tinham títulos visíveis em suas lombadas. Alguns exalavam odores que causavam náuseas; outros, ao serem abertos, continham apenas páginas em branco, exceto por símbolos desenhados à mão, como se alguém tivesse começado a escrever e enlouquecido no processo. A escada que levava à galeria superior da biblioteca estalava de forma estranha, como ossos se deslocando.

No terceiro andar, havia um salão de festas — ou o que restava de um. Espelhos quebrados cobriam parte das paredes, refletindo o ambiente distorcido com violência. O piso de madeira era lascado e manchado, como se marcas de arranhões e algo mais tivessem sido deixadas ali muito tempo atrás. As cortinas, longas e pesadas, balançavam mesmo sem vento, e o lustre central, de cristal escuro, oscilava levemente, como se pendurado ao pulso de algo respirando no teto.

Havia também um porão.

Nunca constara do projeto original. Nunca fora escavado por ordem de Frederik — ou, pelo menos, era o que ele dizia.

A porta para o porão ficava escondida atrás da despensa da cozinha, coberta por tábuas pregadas com pressa. As tábuas, dizem alguns funcionários, se soltavam por conta própria

durante a madrugada, deixando a porta escancarada para um lance de escadas de pedra que mergulhava na escuridão absoluta. Nenhuma luz funcionava ali. As paredes pareciam pulsar. E do fundo, às vezes, vinha um som. Não um som audível — mas uma vibração no estômago, uma pressão na cabeça, como se o próprio cérebro sussurrasse palavras em uma língua que nunca foi humana.

O hotel, em toda sua imponência e grotesca beleza, era uma heresia erguida contra o natural. Um lugar onde o tempo não seguia regras, onde o ar tinha memória, e as paredes, olhos. Um templo camouflado de luxo. Um santuário para o esquecimento.

Mas havia algo naquele local.... O que parecia o coração do hotel.

A lareira



CAPÍTULO 2

No centro do saguão principal, havia uma lareira que atraía olhares como um abismo.

Ela não era apenas um ponto de calor ou decoração — era o coração pulsante do hotel, um altar em chamas diante do qual o próprio ar parecia hesitar. Alta e larga, moldada em pedra negra como carvão fossilizado, a lareira se erguia como uma boca antiga e faminta, sempre aberta, sempre ardendo. Havia algo primitivo em seu desenho, como se tivesse sido esculpida não por mãos humanas, mas por alguma força subterrânea, interessada menos em beleza e mais em domínio.

As bordas externas eram trabalhadas com um tipo de arte que nenhum artesão comum ousaria reivindicar. Serpentes de pedra entrelaçadas serpenteavam ao redor da estrutura, seus corpos repletos de escamas talhadas com minúcia insana — e em cada escama, minúsculos rostos. Rostos humanos, distorcidos em expressões de êxtase, dor ou loucura, como se aprisionados ali, eternamente, pela própria chama. Acima da boca da lareira, uma figura central dominava o entalhe: algo com asas partidas, olhos vazios e um sorriso curvo demais para ser humano. Não havia nome para aquilo. Nem

necessidade. Quem olhava por tempo demais, desviava o olhar por instinto.

O fogo — ah, o fogo.

Ele jamais se apagava. Mesmo quando não havia lenha visível, as chamas dançavam com vida própria, como se alimentadas de algo invisível, mas constante. A cor era errada — não o laranja reconfortante do fogo doméstico, mas tons profundos de âmbar, vermelho escuro e, às vezes, traços esverdeados que não deveriam existir em combustão natural. O fogo sussurrava. Tinha ritmos. Pulsava, como se respirasse. Diziam que, ao encarar as chamas por tempo demais, viam imagens. Não simples ilusões, mas visões: fragmentos de memórias que não eram suas, lugares que não existiam neste mundo, rostos que jamais conheceram — e que, no entanto, os fitavam de volta.

Havia quem dissesse que o fogo cantava.

Uma melodia baixa, sem notas, mas com peso. Uma vibração que se enroscava nos pensamentos e os dissolia aos poucos, como cera sob calor intenso. Ficava mais forte à noite, e mais intensa quando chovia. Houve relatos de hóspedes que acordavam no meio da madrugada com a sensação de estarem sendo observados — e, ao descerem ao saguão, encontravam

as chamas dançando violentamente, como se comemorassem a chegada deles.

A lareira parecia viva.

Não como um símbolo poético, mas no sentido mais literal da palavra. Respirava. Pulsava. Às vezes, engolia o som da sala por completo, fazendo com que até mesmo o estalar da madeira sob os pés fosse abafado. Outras vezes, fazia o oposto: amplificava tudo. O menor sussurro reverberava como grito, as batidas do coração se tornavam audíveis, e o ranger das dobradiças parecia ecoar do fundo do próprio inferno.

Mesmo os empregados evitavam se aproximar dela por muito tempo. Dizia-se que o calor não vinha do fogo, mas da pedra — como se toda a estrutura da lareira armazenasse calor e memória, como um órgão exposto. Aqueles que tocavam sua superfície juravam sentir batimentos — leves, mas reais, como o coração de um animal adormecido.

Frederik, por sua vez, ficava fascinado, olhando para aquele fogo insano, que ele entendeu.

Aquela lareira não era apenas um adorno, nem uma peça de arquitetura.

Ela era um portal.

Um ponto de intersecção entre o mundo dos homens é algo muito mais antigo, muito mais faminto.

Ele soube — com o tipo de certeza que dilacera a mente — que tudo havia sido em vão. Que a construção do hotel havia sido um erro irreversível.

E então ele fugiu. Sem uma palavra.

Desapareceu na noite como um condenado.



CAPÍTULO 3

Frederik correu pelo medo, mas Veldar e Angela, sua mãe, sentiram e guardaram todo o abandono e trauma.

Após a fuga de Frederik, eles continuaram no hotel, na mesma cidade, vivendo o trauma na imensidão da floresta, eles não tinham opção de fugir, para própria sobrevivência Angela continuou com o funcionamento do hotel, mesmo com a demanda baixa pelos boatos. As noites cada vez mais haviam deixado de ser apenas escuras — elas eram pesadas. Tinham corpo, tinham presença. Entravam pelas frestas das janelas como uma neblina densa, arrastando um silêncio anormal que pressionava os ouvidos e o peito, como se o próprio ar se recusasse a circular dentro daquele hotel. Cada passo dado nos corredores longos soava como um eco antigo, um som que não pertencia mais àquele tempo. O tempo, ali, já não obedecia ao ritmo do mundo exterior. Os relógios atrasavam, os ponteiros tremiam como se hesitassem em continuar, e os minutos se esticavam, longos e pegajosos como alcatrão, enquanto os espelhos, sempre que alguém passava diante deles, devolviam reflexos com atraso, como se algo precisasse de tempo para imitá-los, como se um segundo eu — sombrio e

imperfeito — estivesse tentando alcançar o original, mas isso parecia algo que só quem tinha o sangue Moether conseguia sentir e ouvir

Veldar cresceu em meio a essa distorção. Ele era uma criança de olhos grandes e curiosos, mas havia algo em seu olhar que não correspondia à sua idade. Ele absorveu tudo: as paredes murmurando, os sussurros do vento através das frestas, o som das tábuas rangendo como se as almas dos antigos moradores ainda vagassem pelos corredores. O hotel era a sua casa, e Veldar não sabia, mas já estava marcado por aquela coisa. Desde cedo, Veldar percebeu que não era como as outras crianças. O som das risadas, dos gritos de felicidade — tudo isso parecia distante, quase impossível de alcançar. Ele não sabia mais o que era real e o que não era. Tudo o que ele sentia eram os ecos do medo, os ruídos distorcidos que os outros não podiam ouvir. Mas o maior peso foi crescer tendo a lareira como o ponto de ancoragem de sua realidade. Ela estava sempre ali, no centro de tudo — sempre viva, sempre chamando, pulsando como um coração demoníaco. E, de certa forma, ele sabia que o hotel, com toda a sua ruína e magnificência, o estava moldando. Veldar não tinha mais espaço para a infância; ela havia se apagado como um fio de velas que se apaga sozinho, sem cerimônia.

Com o passar dos anos, ele começou a entender que o hotel não era só um lugar. Era uma entidade. E essa entidade estava sempre em busca dele, sempre querendo mais. E Veldar, com o tempo, não mais resistiu. Seu corpo se esticava e contorcia como se o ar do hotel tivesse invadido suas artérias, misturando-se com seu sangue, distorcendo sua alma. Seus olhos, antes curiosos, se tornaram opacos, como se o hotel tivesse lançado uma sombra permanente sobre ele, encobrindo qualquer possibilidade de luz.

Angela, por outro lado, tentou ser o alicerce — o refúgio. Ela queria ser a resistência, o pilar que manteria Veldar longe daquilo que ela sabia que estava se formando dentro dele. Mas até ela, tão forte e decidida, começou a se despedaçar aos poucos. As paredes sussurravam quando ela passava. Não eram vozes inteiras, mas fragmentos — palavras soltas, respirações, risos abafados. Objetos mudavam de lugar. Espelhos estalavam sem explicação. E às vezes, enquanto lavava os pratos, sentia mãos invisíveis pousando em seus ombros. Suaves. Quentes. Familiares. Como se fossem mãos humanas — ela duvidava da própria existência naquele local. À noite, sonhava com corredores que não existiam, escadas que levavam para baixo, sempre para baixo, para uma câmara de pedra onde a lareira ardia sozinha, como um coração faminto.

Angela envelheceu de formas que Veldar não conseguia entender completamente. Ela se tornou mais silenciosa, mais introspectiva. Seu rosto, outrora cheio de determinação, começava a se cobrir com uma camada fina de cansaço. Seus olhos, antes brilhantes e cheios de vida, agora pareciam vazios, como se ela estivesse sempre olhando para o abismo, o que o resto do mundo não conseguia ver. Ela tentava sorrir para ele, tentava agir como se tudo fosse normal, mas havia algo estranho no seu olhar. Como se ela tivesse envelhecido não apenas com o passar dos anos, mas com o peso do próprio hotel — como se sua juventude tivesse sido drenada, substituída por algo mais sombrio e pesado.

O hotel estava devorando a todos, devorando o tempo, a alma e a sanidade. Mas Veldar e Angela, mesmo cientes disso, já não podiam mais escapar. O hotel os mantinha, como peças de um quebra-cabeça sem solução, moldando-os lentamente de acordo com sua vontade. O que restava de normal em suas vidas se tornava cada vez mais irreconhecível, e, no fundo, eles sabiam que estavam presos a um destino compartilhado, alimentado pela mesma chama que consumia a lareira.

Era impossível escapar. E, talvez, nem mesmo quisessem.

E então havia Ivy, a nova agregada à família, filha adotiva para ser mais exato. A criança que nunca ria. Seus olhos azuis

— tão puros, tão vívidos — pareciam ver através do mundo, como se ela fosse constantemente assombrada por algo que Veldar e Angela não podiam compreender. Quando Veldar abriu a porta dos fundos do hotel e deu de cara com a menininha, o coração quase parou. Ela era igual a ele — os mesmos olhos inquietos, o mesmo silêncio pesado. Por vários minutos ele apenas ficou ali, parado, tentando entender se aquilo era um delírio, um aviso... ou um castigo.

Hesitou em tocá-la. Cuidar de alguém exigia coragem — coragem que ele pensava não ter mais. Mas ao vê-la ali, tão pequena, sozinha e frágil, algo dentro dele se rompeu. Uma mistura de esperança e desespero tomou conta de seu peito. Talvez, só talvez, aquela fosse sua chance de redenção. Dar a ela a vida que ele nunca teve. Corrigir, de algum modo, o passado que o hotel teimava em manter vivo.

Ele ainda não sabia — não podia saber — que aquela criança era muito mais parte do hotel do que ele jamais imaginaria. Como se o próprio prédio a tivesse criado... ou chamado de volta.

Ivy não falava sobre seus pesadelos. Ela os desenhava. Cadernos inteiros preenchidos com símbolos tortuosos, sombras sem rosto, figuras humanas com buracos negros no lugar dos olhos, círculos de fogo ao redor da lareira, e o lago

— sempre o lago, espelhando um céu escuro, mesmo quando o dia lá fora estava claro. Seus desenhos não pareciam infantis. Tinham uma precisão, uma simetria, que perturbava. Como se ela estivesse copiando algo já visto.

Quando Ivy começou a crescer, as coisas estranhas não demoraram a se intensificar. Ela nunca parecia crescer de acordo com o tempo. Era como se, à medida que envelhecia, algo mais a tomava — algo que a observava e a controlava, devagar e quase imperceptivelmente. Certos dias, sua pele parecia mais pálida do que o normal, e sua voz, antes suave e inofensiva, agora carregava uma inflexão sombria, como se outras vozes estivessem falando por ela. A sua presença tornou-se opressiva. Como se um ser antigo tivesse sido instalado dentro dela, aguardando o momento certo para se revelar.

Certa manhã, Ângela encontrou Ivy sentada no chão da biblioteca, cercada por livros que nunca haviam sido abertos antes. Eram antigos, com capas de couro rachado, com ferragens enferrujadas, sem título, cheios de manuscritos em línguas esquecidas, alguns em páginas costuradas com fio cru. A menina folheava as páginas com os dedos trêmulos, como se já conhecesse aquelas palavras. Como se elas sussurrassem para ela, ensinando-a, preparando-a. O quarto estava frio, mesmo com a lareira acesa em outro cômodo.

“Ele está quase acordado, vovó”, disse Ivy, com uma voz tão calma que doía mais que um grito.

“Quem, minha querida?”, perguntou Angela, ajoelhando-se à sua frente., com muita dificuldade

“O que vive lá dentro. Na lareira. No fundo do lago. Aqui mesmo, onde foi construído o hotel.”

Angela sentiu o estômago afundar como pedra em água parada. E então percebeu que Ivy estava com os pés molhados. Encharcados, quase lamacentos. Mas ela não havia saído do hotel naquela manhã. A água não era comum — era escura, densa, tinha um cheiro de coisa velha, de madeira apodrecida e ferro oxidado. Era como se Ivy tivesse andado em um lugar que não existia.

A cada dia que passava, a presença de Ivy dentro do hotel parecia se espalhar, como uma planta venenosa que crescia em silêncio. As coisas começaram a acontecer novamente. Os espelhos que nunca mostravam mais do que um reflexo estranho, agora começavam a distorcer. Cada passo de Ivy parecia arranhar o próprio tecido do tempo. E ela sabia. Ela sabia mais do que qualquer pessoa poderia saber sobre o hotel. Sobre o que estava enterrado ali. Como se, ao crescer, ela se tornasse parte da história distorcida que o hotel contava. O medo, antes palatável, tornou-se uma presença constante.

As noites estavam mais frias, mais longas, e Angela sentia as paredes do hotel como se elas estivessem respirando — pesadas, opressivas.

A cidade, enquanto isso, adoecia. Lenta, silenciosamente. Um cão foi encontrado morto em frente ao portão do hotel — mas o corpo estava... seco. Não ferido. Não envenenado. Apenas seco, como se toda sua vida tivesse sido sugada de dentro para fora. O veterinário não soube explicar. Algumas casas começaram a apodrecer por dentro, mesmo as mais novas. Tapumes inchavam, madeira estalava, musgo surgia em paredes recém-pintadas. Pessoas esqueciam nomes, perdiam dias inteiros, sonhavam com o lago mesmo nunca tendo estado lá. Um padre tentou benzer o terreno. Foi encontrado de joelhos, chorando sangue, diante da lareira. “Ele vê você também”, sussurrou, antes de ser internado. “Ele vê tudo através do fogo.”

E ninguém mais voltou a tentar

E a lareira... a lareira continuava viva. Sempre acesa. Mesmo sem lenha. Mesmo quando o frio do lado de fora não justificava o calor que saía de suas entradas. Mesmo quando as janelas estavam abertas e o vento deveria apagá-la. Suas chamas dançavam em silêncio, mas sua luz não era

acolhedora — era um laranja doentio, quase carmesim, que projetava sombras impossíveis nas paredes. Parecia... olhar de volta. Respirar. Pulsar. Como se a própria essência do mal estivesse abrigada ali, apenas esperando seu momento.

E era para ela que Ivy sempre voltava. Porque a lareira não queimava só madeira. Ela queimava tempo, memória, vida.

E talvez, um dia, queimasse tudo.

CAPÍTULO 4

Mas Ivy não era fraca. Nem completamente tomada. Ao contrário do que todos temiam, algo nela resistia. Uma centelha de vontade que nem mesmo as sombras conseguiram apagar por completo. Ela cresceu sob o peso do destino que nunca escolheu, mas não se dobrou diante dele. Ao invés disso, aprendeu a navegar pelas escuridões como quem aprende a respirar debaixo d'água — com esforço, dor e adaptação.

Havia dias em que se afastava de todos e descia sozinha até o lago. Sempre o lago. Aquele espelho imóvel e silencioso, que parecia não refletir o céu, mas sim olhar de volta. Os outros o temiam. Ivy, não. Ela se sentava à margem por horas, os olhos fixos na água escura, como se conversasse com ela em silêncio. A brisa ali era diferente. Não fria, não quente. Era... familiar. Aquele era o único lugar onde Ivy conseguia respirar sem sentir que o ar lhe cortava por dentro. O lago, para ela,

tornou-se mais que um lugar. Era um refúgio. Um templo. Um segredo partilhado.

Algumas noites, ela caminhava até ele em silêncio, mesmo quando chovia, mesmo quando a floresta sussurrava coisas incompreensíveis. E ali ficava, em pé, de frente para a água, olhos fechados, como se esperasse uma resposta, como se estivesse aprendendo a escutar um idioma que ninguém mais sabia decifrar. Era no lago que sua mente se acalmava. Era ali que o peso da presença no hotel — da lareira, dos corredores que mudavam de lugar, dos livros que sussurravam — parecia ceder.

Mas não era um apego inocente. Havia um perigoso naquela relação. O lago a aceitava, sim — mas também a moldava. A água tocava sua pele como se a reconhecesse. Ivy percebia que, quanto mais tempo passava junto dele, mais fácil era esquecer os medos. E, às vezes, esquecer-se de si mesma.

Era ali que ela lutava. Não com espadas. Não com gritos. Mas com a força invisível da escolha. Entre ceder ou resistir. Entre esquecer ou lembrar. O lago oferecia paz... mas uma paz que custava identidade. E Ivy, mesmo com todas as vozes que a chamavam da lareira, mesmo com os sonhos que queriam arrastá-la escada abaixo, segurava firme dentro de si a

lembrança de Angela, os olhos tristes de Veldar, e tudo que já fora destruído antes.

Ela sabia o que a esperava, se deixasse de lutar. Sabia o que estava adormecido sob o lago, sob a terra, dentro do fogo. Mas, ainda assim, voltava ali — porque era o único lugar onde podia ser apenas ela. E, talvez, fosse justamente por isso que o lago a aceitava.

Porque ela não era apenas uma vítima da maldição. Ela era parte dela. E também sua guardiã. Mais um dia em que ela foi para o lago se acalmar após um surto de seu pai, o lago, antes sereno como um espelho adormecido, agora parecia um poço de olhos abertos. Ivy se aproximava com passos hesitantes, cada um mais pesado que o anterior, como se a própria terra tentasse impedi-la de continuar. O ar ali era diferente — espesso, carregado com um frio que não vinha do vento, mas do tempo. Um frio antigo. Um frio de séculos.

Ela parou à beira da margem, onde a lama úmida começava a engolir seus sapatos. Ficou ali por longos segundos, apenas ouvindo. Mas não havia som. Nem rãs. Nem insetos. Nem vento. O mundo, naquele instante, parecia conter a respiração.

— Isso não é real — murmurou, para si mesma, tentando se convencer, como quem se agarra a um fiapo de sanidade.

Mas era. Ela sentia na pele. A água tocava sua pele como se tivesse dedos, dedos invisíveis e gelados, que deslizavam por suas pernas com uma delicadeza perversa. Não era só frio — era um toque inteligente. Como se o lago a reconhecesse.

A lua cheia brilhava acima, mas seu reflexo na água estava errado. Não era redondo, não era calmo. Era uma figura partida, espelhada em mil fragmentos, como um vitral estilhaçado. E ao redor dela, a realidade começava a perder nitidez, como se estivesse olhando para o mundo através de uma cortina d'água.

— Ivy... — sussurrou algo, em uma voz quase afetuosa, quase maternal.

Ela se virou bruscamente. Nada.

Mas o vento soprou, e com ele veio o farfalhar agudo das folhas — como se movessem com velocidade entre os galhos, sem peso. O som rasgava a noite. E então vieram os sussurros. Não palavras inteiras, mas sílabas quebradas, vogais

arranhadas, como se vozes sem boca tentassem lembrar como se fala.

— Quem está aí?! — gritou ela, a voz trêmula, engolida pela escuridão. — Me responda!

Silêncio.

E então, algo emergiu da água. Lentamente. Primeiro uma silhueta. Depois, o contorno alargado. Escuro, ondulante, coberto por névoa espessa que parecia evaporar da própria carne. Não andava. Deslizava.

Os olhos de Ivy se arregalaram. Ela recuou um passo, e a lama cedeu, sugando seu tornozelo. Tentou puxar a perna, mas o solo a abraçava. A água subia, centímetro a centímetro, arrastando-a com delicadeza cruel.

— Eu sabia que você viria — disse a voz.

Dessa vez, era clara. Grave. Masculina. Mas também antiga. Como se feita de rochas esmagadas e brasas ainda fumegantes.

— Você... Você..... não é real. — A voz dela era um sussurro apavorado, um pedido infantil para que aquilo tudo fosse só um sonho.

A criatura se aproximou, agora com parte do corpo fora da água. Não tinha rosto, apenas um contorno onde duas cavidades negras queimavam em um laranja profundo, como brasas vivas. A névoa em torno dela se misturava ao calor, à fumaça. Era como se fogo e água tivessem encontrado um pacto impossível.

— Você é a chave, Ivy. A chave para a liberação. — A voz pareceu ecoar não apenas do ser, mas também do lago, da floresta, das árvores ao redor. Como se o mundo inteiro estivesse dizendo aquelas palavras.

Ela quis correr, gritar, fugir — mas não conseguiu. O chão sob seus pés parecia dissolver-se, a água agora envolvendo suas coxas. O frio subia por seu corpo como garras invisíveis, cravando-se em seus ossos.

— O que você quer de mim?! — gritou ela, as lágrimas correndo pelo rosto, misturadas com gotas de água negra.

— Você já sabe. Você sempre soube. Está no seu sangue. Está no seu nome. O fogo... a terra... o lago... são UM. E agora... você também é.

E então ela viu.

O passado. O hotel. O sangue de seu avô na fundação da obra. Os símbolos antigos escavados na pedra. A lareira. As runas. O pacto não selado. A fome que nunca foi saciada. A coisa que foi acordada e nunca retornou ao sono.

— Você não pode escapar de mim, Ivy — murmurou a voz, tão próxima agora que ela sentia o calor do sopro ardente no pescoço.

Ela olhou para baixo e viu uma mão — não de carne, mas de fogo líquido, saindo da água e tocando seu braço. Não queimava, mas doía. Era um calor que atravessava a pele e ia direto à alma.

— Eu... eu não quero isso... — ela sussurrou, a voz partida.

— Não importa o que você quer. A chave... já virou.

E então, algo dentro de Ivy se rompeu. Um estalo silencioso. Uma rachadura na alma.

Ela soube, com uma clareza cruel, que já não havia mais volta. Que o terror, a maldição, a presença... agora estavam nela.

CAPÍTULO 5

Ao retornar correndo para o hotel, Ivy mal conseguia sentir os próprios pés tocando o chão. Cada passo parecia distante, amortecido, como se ela flutuasse entre dois mundos — o físico e o que existia além, onde o tempo não se movia e o ar era feito de memória e lamento. Suas roupas ainda estavam úmidas, pesadas, com o cheiro do lago impregnado nelas — um odor de podridão antiga, como terra revirada em um cemitério esquecido.

Seus olhos não piscavam. Estavam fixos, abertos demais, como se temessem o que veriam se fechassem. E o hotel, como uma besta adormecida, parecia notar sua chegada. As madeiras rangeram em lugares onde o vento não tocava. As paredes pareciam respirar.

O ar dentro da sala principal estava irrespirável — denso, sufocante. O calor vindo da lareira não trazia conforto, mas opressão. Era um calor pesado, carregado de intenções. E ali, onde deveria haver apenas chamas dançantes, Ivy viu.

Os olhos. Eles estavam lá, no centro do fogo, fixos nela com uma consciência cruel.

As chamas se mexiam com inteligência, como se dessem espaço para que o rosto da criatura surgisse aos poucos. Primeiro, os contornos: uma silhueta alongada, simétrica e monstruosa. Depois, os detalhes. Um sorriso rasgado demais, com dentes que se moviam, como se estivesse mastigando o tempo todo. A pele é feita de sombras ardentes, pulsante, viva.

A figura não piscava. Observava.

“Você voltou...” sussurrou uma voz abafada dentro da própria mente de Ivy, arranhando seus pensamentos como garras em vidro.

Ela sentiu as pernas fraquejarem, mas se forçou a continuar. Passo após passo, aproximou-se da lareira como quem se aproxima de um altar profano. As chamas não rugiam. Elas sussurravam.

O calor agora era quase insuportável. Não na pele, mas na alma. Era um calor que lembrava o sofrimento. O calor da culpa. Do arrependimento.

Veldar surgiu na porta da sala, os olhos estreitados, frazindo a testa ao ver sua filha tão próxima do fogo.

— Ivy...? O que está fazendo aí?

Ela não respondeu imediatamente. Apenas ficou parada, sentindo o calor queimando não sua pele, mas suas memórias. Quando finalmente falou, sua voz era cavernosa, arrastada, como se ela estivesse falando com duas vozes — a sua e a de outra coisa que habitava dentro dela.

— Não podemos mais ficar aqui. Ele vai nos consumir... a todos nós.

Veldar parou. O rosto dele, antes carregado de preocupação, tornou-se uma máscara de confusão.

— Ivy, do que está falando? Quem vai nos consumir?

Ela virou-se devagar, os olhos marejados, mas duros. O rosto pálido, a expressão marcada por algo mais do que medo. Era conhecimento. Era certeza.

— O espírito. A coisa que seu pai despertou... Ela não quer o hotel. Nunca quis. Ela quer as pessoas. Ela quer o sangue. O calor das almas. E agora... agora que ela me tocou, eu sei o que ela é.

Ele balançou a cabeça, tentando entender, mas sua lógica falhava. Ele não conseguia mais negar os sinais — o comportamento da filha, os sussurros nas paredes, os desaparecimentos. Ainda assim, ouvir da boca de Ivy aquela verdade rasgava suas defesas.

— Então você está dizendo que... tudo isso é real? As vozes... os desaparecimentos... foram por causa disso?

Ela não respondeu. Seus olhos se voltaram novamente para a lareira.

As chamas tinham mudado.

Agora dançavam ao redor do rosto flamejante da criatura. E, pela primeira vez, ela sorriu abertamente. Não com escárnio, mas com fome.

— Está acordado — disse Ivy, num fio de voz. — E está faminto.

Silêncio.

Mas não um silêncio comum. Era um silêncio profundo, denso como breu, onde até os pensamentos se apagavam. Até o som do fogo parecia congelado no ar.

Veldar tentou se aproximar dela, mas um estalo violento ressoou pela sala. A madeira do assoalho se partiu debaixo de seus pés, e uma onda de calor o empurrou para trás, como se o próprio fogo houvesse lhe dado um aviso.

Ivy não se moveu.

— Ele não quer que você toque em mim — disse ela, sem emoção. — Ele... me marcou.

Veldar, agora tomado por um medo primitivo, deu um passo atrás.

— Ivy... por favor... — sussurrou, sentindo-se impotente.

Ela virou o rosto. E por um breve segundo, os olhos dela... não eram mais dela.

Eram negros. Sem íris. Sem alma.

A coisa dentro da lareira riu.

E em um estalo tudo voltou ao normal

Veldar preocupado abraça Ivy

- Filha, você se lembra do que aconteceu? Você está bem?
Filha me responde.... Me responde

Ivy sem forças olha para o pai e diz

- Pai? O que aconteceu, como eu vim parar aqui, pai o lago, alguma coisa falou comigo, só eu posso libertar a nossa família da maldição
- Filha está tudo bem, nada vai acontecer - Veldar falou isso com uma imensa dor no peito: ele já sabia que não ia ocorrer nada bem

CAPÍTULO 6

As noites em que Ivy dormia haviam se tornado os momentos mais terríveis de sua existência. Ela não descansava — ela afundava. Cada sonho era uma descida, um mergulho para algo mais profundo e antigo do que qualquer lembrança. O sono não vinha como alívio, mas como um chamado. Um convite para retornar ao lugar de onde nunca deveria ter saído.

O lago.

Mas agora, não era apenas um cenário. Era uma prisão líquida, pulsante, viva.

No mais recente pesadelo, Ivy se via ali outra vez, submersa, com o peso invisível da água esmagando seu corpo. O frio era lancinante, mas não era o frio natural da água — era o frio de uma presença, que existia sem calor, sem tempo. Ela tentou nadar, mas os músculos não obedeciam. Seus braços moviam-se em câmera lenta, como se nadar fosse lutar contra o esquecimento.

E então, viu os rostos.

Eram dezenas. Talvez centenas. Espalhados por toda a escuridão do lago, alguns flutuando, outros presos no limo das margens submersas. Não eram rostos humanos no sentido completo — havia algo errado em cada um deles. Olhos deslocados, bocas congeladas em gritos silenciosos, feições retorcidas pelo desespero. Mas ela os reconhecia. Mesmo sem saber de onde.

- “Ajude-nos...” — murmuravam, com vozes que vibravam diretamente em sua mente.
- “Você sabe o caminho...”
- “Você... nos pertence...”

Ela tentou nadar para longe, mas quanto mais se afastava, mais o fundo parecia se estender, se alargar, como um abismo líquido que não tinha fim. O breu se tornou denso, quase sólido, sufocando-a. E foi quando a sombra surgiu.

Imensa. Antinatural. Crescendo entre as árvores da margem submersa como uma montanha viva. Não tinha forma definida — era um aglomerado de fumaça, fogo e raízes negras. Mas o que havia de mais aterrador era a sensação que ela emitia. Uma emoção viva. Ódio. E desejo.

— “Você não pode fugir de mim...” — disse a voz, agora mais próxima, mais íntima.

— “Eu sou o fogo e a terra. E você é minha... sempre foi.”

O som não era alto, mas ressoava com uma autoridade cósmica. Ivy sentiu o pânico se misturar com uma estranha familiaridade. Aquela entidade... ela já a conhecia. Não de agora. De vidas antes.

Então a figura de Veldar emergiu na sua frente. Mas ele estava distorcido, como se o tempo e a dor tivessem rasgado sua essência. O rosto contorcido, os olhos vazios, afundados. Suas mãos tremiam como se implorasse por liberação.

— “Pai!” — gritou Ivy, mas a água engoliu sua voz como um manto pesado.

Veldar abriu a boca, mas nenhum som saiu. Em vez disso, uma maré negra saiu de seus olhos — não lágrimas, mas um líquido espesso como petróleo, que flutuava em direção a ela. Ivy tentou recuar, mas o fundo do lago agora se desfazia sob seus pés.

E então, veio a mão.

Ela não surgiu lentamente. Ela explodiu da superfície, atravessando as camadas de água como uma lança de luz e calor. Era feita de fogo. Fogo sólido. Fogo vivo. E quando tocou sua pele, não foi dor o que ela sentiu primeiro.

Foi invasão.

Uma memória que não era sua atravessou seu corpo. O grito de uma criança enterrada viva. O último suspiro de um homem que tentou fugir da floresta. O choro de uma mulher que viu os símbolos se moverem nas pedras do hotel.

A mão apertou seu braço com força e, então, o fogo a penetrou.

Seu corpo inteiro pareceu queimar de dentro para fora, mas era mais do que físico. Era como se sua alma estivesse sendo reescrita. Como se algo estivesse se alojando dentro dela, riscando páginas de sua identidade para preencher com algo novo.

Ela tentou gritar. Tentar se soltar. Mas não conseguia.

— “Aceite... Ivy...” — sussurrou a voz, mais próxima do que nunca. — “Você é o selo. A ponte. A herdeira...”

A superfície do lago parecia girar, como um redemoinho de reflexos partidos. Ela se viu ali, flutuando, mas seu rosto... não era mais o mesmo. Seus olhos brilhavam em vermelho. Seus cabelos estavam escuros como carvão. Havia uma nova Ivy. E essa Ivy... estava sorrindo.

E foi nesse momento que ela acordou.

Mas o cheiro de água podre ainda estava em seus lençóis. E seu braço, o mesmo que a mão de fogo tocara... ainda estava quente.

CAPÍTULO 7

Quando Ivy acordou, foi como emergir de um pesadelo afundado em realidade. Sua respiração era irregular, e o suor escorria por seu rosto como se ela tivesse acabado de escapar de uma febre ardente. Seus lábios estavam rachados, secos como terra queimada. O calor ainda estava lá. Não um calor normal — mas uma chama interior, pulsante, como se uma energia estivesse se agitando dentro dela, querendo sair.

Ela se sentou no sofá, abraçando os joelhos por um momento, tentando manter a mente no presente. A sala estava escura, e as sombras se alongavam nas paredes como dedos retorcidos. A lareira ainda ardia, silenciosa, mas viva. As chamas dançavam com um ritmo que não era natural.

— “Está me chamando...” — sussurrou Ivy, quase sem perceber.

Ela sabia. Sabia o que precisava fazer. Mas a dúvida era como um espinho cravado em seu peito. Voltar ao lago significava muito mais do que enfrentar o espírito. Significava encarar tudo o que foi perdido. O passado. Seu pai. Seu avô. E, acima de tudo, a verdade que sua família sempre escondeu.

Levantou-se com esforço, o calor em seu corpo oscilando como febre. Cada passo que dava fazia o piso gemer, como se a própria casa sentisse sua decisão. O hotel — que um dia foi refúgio de sonhos e promessas — agora era uma prisão de madeira, pedra e fogo. As paredes suavam calor. O ar cheirava à madeira queimada. Cada quadro na parede parecia observá-la, os olhos dos retratos antigos escurecidos por algo que não era tempo, mas corrupção.

No corredor, as sombras se moviam com mais peso. Ivy teve que parar por um momento, apoiando-se na parede. A casa parecia pulsar, viva, como se cada cômodo respirasse em seu ritmo doentio. Ela podia sentir isso: o hotel estava consciente. E ele não queria deixá-la ir.

— “Só mais um passo,” murmurou, como um mantra. “Só mais um passo, Ivy.”

Veldar estava fora, ocupado com os hóspedes que por um milagre ainda procuravam se hospedar naquele hotel, fingindo que tudo estava normal. Angela cuidava da recepção, alheia ao terror que se adensava como fumaça. Ivy sabia que não podia contar com ninguém agora. Estava sozinha.

Foi então que ela decidiu: subiria ao sótão.

A escada rangeu sob seus pés, cada degrau parecendo gritar em protesto. A porta estava emperrada, mas ela empurrou com força, soltando uma lufada de ar mofado. O sótão era um mausoléu de lembranças — caixas antigas, móveis cobertos por lençóis esbranquiçados, como fantasmas em vigília. A luz do entardecer filtrava-se pelas frestas das janelas, formando feixes cortados pela poeira suspensa no ar.

O diário estava lá. Como se a esperasse.

Ela atravessou o cômodo com passos lentos, hesitantes, e parou diante da estante. Um livro, de capa grossa e couro rachado, jazia com as páginas abertas, balançando ao vento que entrava por uma das frestas. Ivy o pegou. Era o diário de Frederik.

As palavras eram urgentes, apressadas, manchadas por tinta borrada e talvez por lágrimas antigas. Ela leu em silêncio, o coração acelerando a cada linha:

> "O fogo não é apenas elemento. É entidade. Eu vi seus olhos nas chamas, ouvi sua voz nas rachaduras da madeira."

> "A tribo chamava-o de Aquele Que Arde Na Raiz Do Mundo. Não é um espírito, é um eco ancestral... e ele está desperto."

> "A cada geração, ele escolhe um. Alguém com o sangue. Alguém com a marca. Alguém que possa abrir o caminho."

> "Eu tentei contê-lo. Tentei fechar a passagem com sacrifícios. Mas a fome dele... é infinita."

As páginas seguintes estavam manchadas com uma substância que parecia carvão. E então, numa folha quase rasgada:

> "Eu falhei. Ele agora está dentro de nós. Cada passo que dou, sinto sua respiração em minha nuca. A maldição nos pertence. Ivy... se você está lendo isto... fuja. Ou destrua tudo."

Eu falhei.

Ele agora está dentro
de nós. Cada passo que
dou, sinto sua respiração
em minha nuca.

A maldição nos pertence.
Ivy... se você está lendo
isto... fuja.

Ou destrua tudo

Ela recuou um passo, como se as palavras tivessem peso físico. Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela, mas não eram de medo. Eram de raiva. De impotência.

— “Você deixou isso acontecer,” sussurrou ela para o diário.
— “Você sabia... e me deixou crescer aqui dentro. Com isso. Dentro de mim.”

Mas no fundo, Ivy sabia que Frederik havia tentado. E falhado. Agora era sua vez. Ela fechou o diário com força e desceu do sótão com o coração em chamas.

Quando chegou ao saguão, o hotel estava silencioso demais. O fogo ainda ardia na lareira central, mas agora seu brilho parecia mais fraco, mais... avermelhado.

— “Eles sentem,” murmurou. “Sentem que estou perto da verdade.”

Ao atravessar o corredor, sentiu uma presença. Parou. Os cabelos da nuca se arrepiaram. Alguém estava ali.

— “Senhorita Ivy?”

A voz veio calma, mas firme, com um leve sotaque estrangeiro. Ela se virou bruscamente. Um homem alto, de aparência reservada, vestia um casaco escuro que parecia antigo demais para o tempo atual. Tinha olhos pálidos, profundos, e uma postura impecável. Estava parado perto da estante do salão de leitura, com as mãos cruzadas atrás das costas.

— “Desculpe-me... quem é você?”

— “Meu nome é Elias. Hospedei-me aqui por um tempinho. No quarto do segundo andar, ala leste.” Ele inclinou levemente a cabeça. “Estava esperando por você.”

— “O quê?” Ivy recuou meio passo. “Como assim... me esperando?”

Elias avançou um pouco, sem agressividade, mas com propósito.

— “Eu sou neto da irmã de Frederik, Lina. Ela viveu na floresta do norte, onde os registros sobre o espírito começaram. Minha família dedicou gerações a estudar — e conter — Aquele Que Arde. Meu avô morreu tentando

selá-lo. E eu... sou o último que ainda conhece o ritual completo.”

Ivy sentiu a garganta secar. Era como se suas dúvidas finalmente tivessem se materializado num estranho que parecia saber mais sobre sua história do que ela mesma.

— “Você leu o diário, não leu?” Elias continuou. “Frederik estava certo... mas incompleto. Ele conhecia o nome, mas não o preço.”

— “Qual... qual é o preço?”

Os olhos de Elias se estreitaram. Ele tirou algo do bolso — um pequeno medalhão circular, queimado nas bordas. Ao abri-lo, revelou uma imagem desbotada: uma mulher envolta em chamas, mas com uma expressão serena no rosto.

— “O preço é sempre sangue, Ivy. Mas o tipo de sangue... depende de quem enfrenta o espírito. E do que está disposto a perder.”

— “Você está dizendo que o espírito não pode ser destruído... só contido?”

— “Não há destruição para o que não pertence a este mundo. Mas há selamento. E há sacrifício.”

Ivy apertou o diário contra o peito. Por um instante, desejou poder recuar, esquecer tudo aquilo. Mas era tarde demais.

— “Então me diga, Elias. O que eu tenho que fazer?”

Ele assentiu com seriedade.

— Amanhã, ao entardecer. No lago. Traga o diário. Traga algo que pertenceu a Frederik. E prepare-se para ver o que poucos suportaram sem enlouquecer.”

Ivy olhou para o fogo. As chamas, por um breve segundo, formaram olhos — e sorriram.

CAPÍTULO 8

Ivy ao ir ao lago ainda sentia o calor se entranhar em sua pele, como se a terra abaixo dela estivesse viva — pulsando, fervendo, respirando como uma criatura ancestral prestes a engoli-la inteira. O ar era espesso, sufocante, e cada inspiração era como engolir fumaça quente. O fogo da criatura a envolvia por trás, como braços invisíveis, colando-se à sua espinha e sussurrando promessas de destruição em sua nuca. O chão, coberto por lama fervente, parecia querer arrastá-la para baixo, como se a própria terra tivesse se tornado cúmplice da entidade.

A figura diante dela havia emergido das águas como um pesadelo sem forma. Era uma silhueta humana distorcida — esquelética, feita de cinzas vivas, músculos de carvão, e olhos que ardiam como fendas abertas diretamente no inferno. Mas o que mais a perturbava era o sorriso. Um sorriso sem boca. Sem dentes. Um sorriso que apenas se insinuava nas rachaduras da pele enegrecida, como se o próprio fogo estivesse zombando dela.

A voz da criatura ecoou, e não veio apenas pelo ar, mas por dentro de sua mente.

— "Você sente, não sente? O peso... o calor... a verdade. Está queimando dentro de você, Ivy. Sempre esteve. Seu sangue é seco, inflamável. E cada batida do seu coração... é um tambor que me chama."

Ivy cerrou os punhos, trêmula. Mas não respondeu. Não podia. A voz do espírito parecia roubar dela até os pensamentos.

— "Eu sou o primeiro fogo, Ivy. A fome que queimou os céus quando os homens ainda rastejavam como vermes. Eu vi seus ancestrais jurarem sobre minha chama. Vi seu avô cair de joelhos. Vi seu pai... implorar. Você sabe o que ele disse nos últimos segundos? Quer ouvir?"

— "Pare..." — ela murmurou, os olhos marejados.

— "Ele disse... 'Me leve, mas não toque minha filha'. Uma tolice, não acha? Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, você viria até mim. Porque tudo termina aqui, Ivy. Tudo volta ao fogo."

Então, um estalo. Um som seco e claro vindo da mata. Um passo. E depois, uma voz.

— "Ela não está sozinha."

Ivy girou lentamente, o coração aos pulos. Da sombra das árvores, emergiu Enrik. Mas ele não era o mesmo homem de antes — o jardineiro de passos lentos e mãos calosas. Havia algo ancestral em seu olhar agora. Algo carregado de dor e sabedoria. Em seu pescoço, pendia um amuleto de prata escurecida com uma pedra esverdeada no centro, que parecia pulsar no mesmo ritmo do fogo ao redor.



— "Você...?" — Ivy sussurrou, confusa.

Enrik não sorriu. Ele apenas olhou para ela, firme.

— "Você nunca percebeu, mas eu estava aqui para isso. Desde sempre. Seu avô me confiou o último segredo antes de desaparecer. Acreditava que talvez... com sorte... nunca precisaremos chegar a esse ponto. Mas o espírito foi acordado. E agora ele quer mais do que destruição. Ele quer permanência."

A criatura soltou um som gutural. Um riso que parecia vir de dentro da terra.

— "O velho Enrik..." — zombou. — "O covarde que se escondeu enquanto os outros ardiam. Acha mesmo que pode me deter com esse amuleto ridículo? Já devorei sacerdotes, xamãs, bruxos. Você é só um homem. E ela... só uma chama esperando para ser acesa."

Enrik ergueu o amuleto. Símbolos começaram a brilhar em suas mãos, traçados invisíveis que se formavam no ar como fumaça sólida.

— "Você fala demais, demônio. E esquece uma coisa: a Pedra do Primeiro Fogo não foi feita para te alimentar. Foi feita para te selar. E ela..." — ele apontou para Ivy — "é o sangue que fecha o círculo. A ponte entre o que foi e o que virá."

O espírito rugiu, e o fogo explodiu ao redor deles, consumindo árvores, rochas, e fazendo o céu escurecer como se a noite tivesse caído de repente. Mas Enrik permaneceu de pé, como se o próprio chão o sustentasse.

— "Ivy," ele disse, com urgência na voz, "no fundo do lago... a pedra. Ela vai responder ao seu toque. Mas não hesite. Uma vez que o espírito te veja como a herdeira, ele vai tentar te quebrar por dentro."

— "E se ele conseguir?" — ela perguntou, já dando passos trêmulos para a margem.

— "Então tudo queimar, inclusive aquilo que você ainda nem conheceu."

A criatura gritou de novo, agora furioso. As chamas avançaram, mas Enrik cravou o amuleto no solo, e o fogo parou a centímetros dele, tremendo como um cão contido por corrente sagrada.

Sem olhar para trás, Ivy correu. A água do lago fervia, e sua superfície espelhava rostos que ela não reconhecia — rostos pálidos, distorcidos, perdidos. Mas ela mergulhou mesmo assim.

A dor foi imediata. Era como mergulhar em óleo fervente e gelo ao mesmo tempo. Sons estranhos preenchiham seus ouvidos, sussurros em idiomas esquecidos, promessas de poder, de alívio, de vingança. Mas ela seguiu. Suas mãos buscaram às cegas no fundo. E então ela a encontrou.

A Pedra.

Quente, pulsante, viva.

Quando seus dedos a tocaram, o mundo se calou.

Ela sentiu algo entrar nela — não uma força bruta, mas um conhecimento ancestral. Ela soube, sem que ninguém precisasse dizer, o que deveria fazer.

Ivy emergiu da água como se tivesse nascido outra vez. A Pedra brilhava em sua mão, e sua pele — agora manchada

com traços de energia — ardia com luz própria. O espírito hesitou. Pela primeira vez, parecia... com medo.

— "Você... não pode..." — ele sibilou.

— "Eu posso. Porque você não me criou, e não me domina. Eu sou o fim da sua linha."

— "Eu sou eterno!"

— "Você é ruína. E hoje, a ruína termina."

Ela ergueu a pedra acima da cabeça. O céu se abriu, e o lago inteiro pareceu se elevar junto com ela. Água e fogo se chocaram como gigantes em guerra. Enrik gritou algo em uma língua antiga, e as raízes das árvores começaram a emergir do solo, se enrolando como serpentes vivas em torno do espírito.

O chão tremeu.

O mundo rugiu.

E então veio a luz.

CAPÍTULO 9

O lago estava calmo.

A névoa que antes se erguia como um véu de pesadelo havia se dissipado, e as estrelas brilhavam no céu claro — limpas, distantes, eternas. O ar estava fresco e puro, como se a própria natureza tivesse renascido com a vitória de Ivy. A superfície da água refletia o céu noturno como um espelho restaurado, sereno após o caos.

Ivy respirou fundo. Sentia o frio atravessar sua pele úmida, mas não era desconforto — era alívio. Como se o mundo, finalmente, a tivesse perdoado.

Ela olhou para o hotel ao longe, agora silencioso. A silhueta escura que antes abrigava gritos e sombras estava quieta. Morta.

— “Você ouviu isso, pai?” — sussurrou. Sua voz quase se perdeu no vento. — “Eles se foram. Todos eles.”

Não houve resposta. Apenas o murmúrio das folhas, o som da água beijando a margem. Mas Ivy sentiu. Uma presença

tênué, uma brisa suave que lhe tocou o rosto como uma despedida.

— “Eu fiz o que você não pôde. O que ninguém teve coragem de fazer.” — Ela estreitou os olhos. — “Mas não foi só por você. Foi por mim também.”

Veldar. Angela. Os hóspedes. Todos haviam desaparecido — levados pelo tempo, pelas escolhas, pelos próprios fardos. Só restava ela, de pé à beira da margem. Sozinha.

Mas não vazia.

Dentro dela, algo havia mudado.

O peso da perda — de seu pai, da inocência, das verdades escondidas por gerações — ainda vivia em sua memória, mas agora se equilibrava com outra coisa: a paz. Um fio de luz entre as ruínas da dor.

Ela caiu de joelhos por um instante, as mãos tocando a terra encharcada.

— “Isso acaba aqui.” — murmurou, para ninguém. Ou talvez para tudo. — “Chega de maldição. Chega de silêncio.”

A maldição havia sido quebrada. O legado sombrio da família não mais corria em suas veias como uma sentença, mas como um aprendizado. As almas haviam sido libertas. O ciclo chegará ao fim.

Ivy se levantou, firme. Deixou o lago para trás. Cada passo carregava a memória do que fora perdido e a promessa do que ainda podia ser vivido.

Ela não sabia o que viria adiante. Mas pela primeira vez em muito tempo... ela queria descobrir.

Com um último olhar para as chamas apagadas, Ivy se afastou — “Adeus,” disse em voz baixa, para o hotel, para os mortos, para si mesma de antes.

E o lago, testemunha de tantos horrores, a envolveu em seu silêncio.

Um silêncio novo.

Um silêncio de recomeço.

